



A situação não está nada fácil. O pai, um ótimo marceneiro, não consegue se levantar da cama há um ano. E o dinheiro que a mãe recebe não cobre sequer as despesas mensais da casa. Com tantos problemas, não dá mesmo para prestar atenção no caminho. E, indo para a escola, o menino cai num buraco muito fundo. E agora, como sair dali? Será que alguém vai ajudá-lo? Talvez o melhor seja tentar se virar sozinho e começar a enfrentar os medos e as dificuldades.



1 8 2 5 0 8
ISBN 978-85-418-1748-6



9 788541 817486



BARCO
A VAPOR

O menino que caiu no buraco

Ivan Jaf

Ilustrações
Weberson Santiago

O MENINO QUE CAIU NO BURACO • IVAN JAF



sm



BARCO
A VAPOR

O menino que caiu no buraco

Ivan Jaf

Ilustrações
Weberson Santiago



© Ivan Jaf, 2004

Coordenação editorial: Cláudia Ribeiro Mesquita
e Jogo de Amarelinha
Preparação: Cláudia Nucci
Revisão: Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Edição de arte: Natalia Zapella e Rita M. da Costa Aguiar
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jaf, Ivan,

O menino que caiu no buraco / Ivan Jaf ; ilustrações
Weberson Santiago. -- 2. ed. -- São Paulo : Edições SM,
2017. -- (Barco a vapor)

ISBN 978-85-418-1748-6

1. Literatura infantojuvenil I. Santiago, Weberson.
II. Título III. Série.

17-04116

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

1ª edição agosto de 2004

2ª edição 2017

xª impressão 2020

Todos os direitos reservados à
SM EDUCAÇÃO
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
www.grupo-sm.com/br

SUMÁRIO

Borboleta azul	7
Buraco	17
Sol	25
Orelhas peludas	31
Poço dentro de poço	39
Carneirinhos brancos	49
Barriga cheia	57
Cajado torto	67
Raízes	75
Bicicleta	83

● BORBOLETA AZUL

O MENINO ACORDOU CEDO para ir à aula. Muito cedo. O galo cacarejava nos fundos da casa. Pela janela do quarto podia ver o sol despontando atrás das montanhas. O dia prometia ser lindo, com o céu de inverno muito azul e quase sem nuvens, os passarinhos cantando e o cheiro da cerca de eucaliptos que seu pai plantara havia muito tempo.

O menino tinha treze anos, mas já sabia que um dia bonito não queria dizer nada. Em dias bonitos também aconteciam coisas ruins, porque a natureza não podia ficar prestando atenção à vida das pessoas.

Custou a sair da cama. Tinha a forte impressão de que nada de bom ia acontecer depois que fizesse isso. Seria melhor continuar ali, afundando cada vez mais para debaixo dos cobertores, com as pernas dobradas e as duas mãos entre elas, naquele mundo quente, escuro e quieto.

O grito da mãe o acordou de verdade. Pulou da cama, vestiu o uniforme do colégio às pressas, pegou a mochila, que já estava arrumada, calçou os tênis ainda sujos da lama das chuvas da semana anterior e correu para o banheiro.

Sua mãe já colocara o copo de café com leite e os biscoitos em cima da mesa da cozinha. Ela estava como sempre: os cabelos desgrenhados, as rugas profundas, os olhos inchados de uma noite maldormida, vestindo aquele roupão enxebado amarrado na cintura por um pedaço de corda de varal.

A mãe apontou um pequeno embrulho sobre a mesa, dentro de um saco plástico. Era o lanche. Ele o colocou dentro da mochila. Precisava dele. Passava quase o dia todo fora e na escola não davam comida. Mas sentia-se culpado: cada pão, cada grão de feijão, cada pedaço de carne que ele comia vinha do trabalho da mãe, lavando e passando, de manhã até a noite, as roupas dos turistas que vinham se divertir nos sítios do outro lado do rio.

O pai não tinha ido embora, abandonado a família, se acabado com bebida, sumido no mundo, nada disso. O pai do menino vivia lá no quarto, na cama. E não estava nem doente do corpo.

Tinha sido um marceneiro muito bom, com muitos clientes. Fazia móveis, prateleiras, armários, escadas, sabia montar toda a armação de um telhado e chegou a fazer um chalé inteiro de madeira. Conhecia o nome das árvores, tinha uma bolsa de couro cheia de ferramentas bem tratadas, procurava deixar tudo perfeito e usava uns óculos de lentes muito grossas, de tanto que se preocupava com os pequenos detalhes.

Naquele tempo o menino sentia muito orgulho do pai. Aos sábados, ia na garupa da bicicleta, com a bolsa das ferramentas no colo, ajudar nos serviços. Todos tratavam seu pai com muito respeito. Era um homem sério, que trabalhava calado e em silêncio. Chegava a pedir que desligassem um rádio, por exemplo, porque precisava “ouvir” a madeira. Quando alguém reclamava que assim, sem distração, o trabalho pesava mais, ele dizia que era só questão de se acostumar.

— O silêncio primeiro é um problema, depois uma solução — falava ele.

O menino gostava muito das frases do pai.

Mas agora o pai vivia na cama. Havia quase um ano. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Sem forças para trabalhar. Os médicos alegavam que ele não tinha nada, que se quisesse

poderia levantar e fazer as coisas, mas o problema era que ele não queria. Depois de um longo período sem trabalho, ele simplesmente desistiu e ficou no quarto.

O menino lembrava de uma noite, quando o pai chegou da vila e sentou na cadeira da varanda, olhando os vaga-lumes. Lembrava da mãe perguntando o que havia acontecido, e o pai repetindo:

— Muito barulho. Muito barulho.

No dia seguinte, não saiu da cama.

Tiveram de vender as ferramentas melhores, para comprar comida.

Se alguém entrasse no quarto e perguntasse o que estava sentindo, a resposta era sempre a mesma:

— Estou triste.

E depois o silêncio.

Agora ninguém falava mais sobre isso naquela casa.

O menino botou a mochila nas costas e saiu sem dizer nada.

Havia muito tempo que naquela casa ninguém gostava de falar, muito menos de sorrir.

• • •

O dia estava mesmo bonito. O sol refletia no orvalho e o menino ia pisando pequenos arco-íris na grama rala do caminho. Havia uma única nuvem, muito branca, sobre as montanhas, parecida com as bolas de algodão que ele tirava de dentro dos vidros de remédio que davam para o seu pai, mas que não adiantavam nada.

A escola ficava a três quilômetros de distância e ele normalmente levava uma meia hora até lá, porém naquele dia estava sem pressa nenhuma. Não teria as duas primeiras aulas. Podia até ter continuado na cama. Mas a verdade é que qualquer coisa era melhor do que ficar em casa.

A primeira parte do caminho eram duas faixas de barro paralelas que cortavam o mato ralo de um pasto, feitas pelas rodas das charretes e dos carros de boi. Por ali se chegava a uma estrada mais larga, de barro socado e cheia de buracos, em que às vezes passava algum automóvel, porém o mais comum era o menino andar até a escola sem cruzar com ninguém.

O pasto continuava do outro lado da estrada, onde uma trilha estreita levava a uma fábrica de panelas de barro.

A fábrica já não funcionava. Estava parada havia muitos anos. Diziam que o lugar era



assombrado. Vários bois e cavalos foram encontrados mortos no pasto em volta, com marcas de garras afiadas no pescoço. Logo espalharam que por ali vivia um lobisomem e a fábrica acabou abandonada.

O menino costumava ir bem distraído. Seus pensamentos chegavam à escola mais cedo do que ele... o dever de casa feito às pressas, uma lição mal decorada, a menina da outra turma que ele queria que gostasse dele, a nota da prova de matemática... nunca prestava atenção no caminho. Mas naquele dia, como estava mesmo sem pressa, ia observando uma grande borboleta azul que o acompanhava.

A borboleta não virou à direita, em direção à escola. Ela atravessou a estrada e o menino achou uma boa ideia fazer o mesmo.

A escola só abriria dali a umas duas horas. Podia dar um passeio. Aproveitar aquela manhã ensolarada. Passaria pela antiga fábrica, atravessaria a pinguela sobre o ribeirão e alcançaria a estrada, lá do outro lado. Uma hora de caminhada, no máximo. E ele conhecia bem o lugar. Seu pai o levava por ali algumas vezes, quando era criança, para pescar os cascudos que saíam de debaixo das pedras depois das chuvas.